Dia 11 — Santa Perpétua e Santa Felicidade, Mártires

A preciosa morte destas ilustríssimas mártires sucedeu no dia sete do presente mês, mas, como nele celebra a santa Igreja a festa de Santo Tomás de Aquino, reservou ao dia onze a piedosa história do martírio destas duas insignes santas, a quem Santo Agostinho deu tão magníficos elogios, tendo por costume propô-las a seu povo como modelo para confundir os covardes e para animar a todos ao exercício da virtude.

Tendo publicado o imperador Severo um edito em que mandava que se tirasse a vida a todos os cristãos que não quisessem sacrificar aos deuses do império, Minúcio Timoniano, procônsul na província da África, excitou contra eles uma das perseguições mais cruéis. Desde os princípios dela foram presos em Cartago cinco jovens catecúmenos, cujos nomes eram Revocato, Saturnino, Secúndulo, Perpétua e Felicidade.

Era Perpétua uma dama de vinte e dois anos, de nobilíssimo nascimento, belamente educada, de grande discrição, mas de maior piedade. Viviam ainda seus pais, embora de idade muito avançada, quando a prenderam, e tinha uma tia e dois irmãos, um dos quais era também catecúmeno. Havia-se casado e tinha um menino a quem ela mesma criava a seus peitos. Crê-se que seu marido era cristão e que se ocultou por medo da perseguição.

Felicidade, ainda de menos anos que Perpétua, era também casada e estava grávida de sete ou oito meses; e, embora não fosse de classe tão distinta como Perpétua, não eram menos nobres suas inclinações.

Logo que prenderam as duas santas, levaram-nas a uma casa particular onde estavam guardadas com sentinelas de vista. A esta casa concorreu o pai de Perpétua, que era gentio, a persuadi-la com rogos, com lágrimas e com quantos meios pôde sugerir-lhe a dor e o amor paterno, a que renunciasse a fé. Tendo escrito a mesma santa a história de seu martírio no dia antes de sua preciosa morte, não se pode desejar testemunho mais verídico nem mais autêntico; e assim a referirei com as mesmas palavras da santa, nem mais nem menos, como se acham nas atas mais antigas.

«Ainda estávamos com os perseguidores quando meu pai, pelo amor que me tinha, fez quanto pôde para obrigar-me a renunciar a Jesus Cristo. Como ele continuasse, eu lhe disse: Pai, vês esse vaso que está no chão, ou qualquer outra coisa que te pareça? Sim, respondeu-me. Eu acrescentei: A esse vaso pode dar-se outro nome que o seu? Não, disse-me ele. Pois tampouco eu posso chamar-me outra coisa que o que sou; isto é, cristã. Ao ouvir isto, cheio todo de cólera, meu pai arrojou-se a mim para arrancar-me os olhos; maltratou-me, carregou-me de injúrias e retirou-se

vencido, como o demônio que se valeu dele para vencer-me. Tendo passado alguns dias sem ver meu pai, dei graças a Deus e alegrei-me muito de que me deixasse em paz. Neste meio tempo tivemos todos a ventura de receber o batismo. Ao sair da água tive uma grande inspiração de não pedir a Deus outra coisa senão paciência e valor para padecer animosamente todos os tormentos que me quisessem fazer sofrer.

«Poucos dias depois meteram-nos no cárcere; ao entrar nele espantei-me, porque nunca havia visto aquelas trevas. Ó bom Deus, e que dia aquele! O vapor quente e desagradável que exalavam os muitos que estavam encerrados no calabouço; os maus-tratos que nos faziam os soldados; a inquietação em que estava, não sabendo que se havia feito de meu menino; tudo isto me fez passar maus ratos. Não obstante, os diáconos Tércio e Pompônio puderam conseguir com dinheiro que nos permitissem passar algumas horas do dia num sítio menos desacomodado, onde respirássemos ar mais livre e nos refrigerássemos.

«Saímos, pois, do calabouço, e cada um atendia a suas coisas; eu recobrei meu menino e dei-lhe de mamar, porque estava morrendo de fome. Encomendava-o a minha mãe, animava a meu irmão e consumia-me de dor pela pena que lhes causava. Muitos dias passei nestas amargas inquietações. Tendo, enfim, alcançado licença para ter o menino no cárcere comigo, achei-me muito consolada; o Senhor comunicou-me novo alento, tornando-se-me desde então tão doce a prisão que não a trocaria por outra alguma estância.

«Veio então ver-me meu irmão e disse-me: Irmã, sei que podes muito com Deus; pede-lhe que te dê a entender, por meio de alguma visão, se isto há de parar em martírio. Como havia muito tempo que o Senhor me fazia grandes mercês e se dignava permitir-me que lhe falasse com simplicidade e confiança, respondi a meu irmão sem deter-me que no dia seguinte lhe daria notícias certas. Fiz oração, e eis aqui o que me foi mostrado.

«Vi uma escada de ouro maravilhosamente alta, que se elevava desde a terra até o céu, mas tão estreita que só podia subir de cada vez uma pessoa. Aos dois lados da escada estavam cravadas, de baixo para cima, navalhas, ganchos, pontas de espadas, lancetas, puas aceradas e outros instrumentos de ferro, de maneira que o que subisse descuidado e sem olhar atentamente para o alto seria ferido e despedaçado em todo o seu corpo. Ao pé da escada estava deitado um espantoso dragão de enorme grandeza, em aceno de arrojar-se sobre os que pretendiam subir, o qual fazia fugir a todos pelo terror que lhes causava. O primeiro que subiu foi Saturo, que havia sido preso depois que nós. Quando chegou ao alto da escada, voltou-se para mim e disse-me: Perpétua, aqui te espero; mas olha que não te morda esse dragão. Eu lhe respondi: Em nome de meu Senhor Jesus Cristo, não me fará dano. Levantou o dragão mansamente a cabeça, como que tinha medo de mim, e, tendo-se posto sobre o primeiro degrau da escada, como que ia subir por ela, eu pus o pé sobre sua cabeça. Subi e vi um jardim de uma imensa extensão e no meio dele um homem grande sentado, em traje de pastor, com os cabelos brancos, que estava ordenhando suas ovelhas, rodeado de muitos milhares de pessoas, todas vestidas de branco. O pastor levantou a cabeça, olhou-me e disse-me: Filha, sejas bem-vinda. Depois chamou-me e deu-me como um bocado de queijo feito do leite que ordenhava; recebi-o com as mãos juntas, comi-o, e todos os que estavam ao redor dele responderam: Amém. A este ruído despertei e achei que ainda estava mastigando uma coisa doce. Logo que contei esta visão a meu irmão, conhecemos ambos por este

misterioso sonho que estávamos destinados ao martírio e que o bocado delicioso significava a eucaristia que se costuma dar aos mártires para dispô-los à peleja; e desde então nos consideramos ambos como se já não fôssemos deste mundo.

«Poucos dias depois, tendo corrido a voz de que nos haviam de tomar nossa confissão, veio meu pai da cidade ao cárcere, afogado de tristeza e todo banhado em lágrimas, e disse-me: Tem, filha minha, lástima de minhas cãs; tem compaixão de teu ancião pai; se te criei até a idade em que estás, custando-me tantos trabalhos; se te preferi a teus irmãos, porque sempre te quis mais que a eles, não me faças hoje o opróbrio das gentes. Olha tua aflita mãe e tua desconsolada tia; atende a teus irmãos e ao menos deva-te algum carinho esse filho de tuas entranhas, que não poderá viver sem ti. Deixa essa fereza que te faz desprezar a morte e não te queiras perder por tua obstinação.

«Assim me falava meu pai pelo amor que me tinha, beijando-me as mãos, arrojando-se a meus pés, desfazendo-se em amargo pranto e já não me tratando de filha, mas de senhora. Enterneci-me um pouco, especialmente considerando que ele seria o único de minha família que não celebrasse minha ditosa morte. Somente lhe disse, para consolá-lo, que, quando estivesse no cadafalso, seria de mim o que Deus fosse servido; com isto retirou-se todo aflito.

«No dia seguinte, quando estávamos comendo, fomos citados de repente para ser perguntados. Levaram-nos à audiência; o concurso era infinito; subimos aos estrados e, perguntados todos os confessores, responderam todos animosamente que eram cristãos. Fazia ofício de juiz, por morte do procônsul Timoniano, o intendente Hilariano. Chamaram-me, e logo se me pôs diante meu pai, com seu neto nos braços, e disse-me: Tem lástima de teu filho, já que não a tenhas de teu pai. Então disse-me o juiz: Perpétua, compadece-te da ancianidade de teu pai e da tenra meninice de teu filho; sacrifica pela prosperidade dos imperadores e não te percas a ti e a tua família.

«Nada disto farei, respondi-lhe eu. És cristã?, perguntou-me o juiz. Eu lhe respondi: Sou cristã. Como meu pai durante este interrogatório se esforçasse por tirar-me dos estrados, Hilariano mandou que o tirassem e deram-lhe um golpe com uma vara. Senti-o eu como se mo tivessem dado a mim própria, não podendo ver sem dor que meu pai fosse maltratado por minha causa. Neste tempo, vendo o juiz que estávamos imóveis na fé, pronunciou sentença de morte contra nós e condenou-nos a ser lançados às feras. Não se pode explicar o gozo que tivemos ouvindo a sentença. Voltaram-nos ao cárcere e, como meu menino costumava tomar o peito, enviei-o a pedir a meu pai pelo diácono Pompônio, e ele não o quis dar; mas Deus permitiu que desde então não se lembrasse o menino de mamar nem que a mim me incomodasse o leite.

«Alguns dias depois, estando todos em oração, escapou-me o nomear a Dinócrates, um de meus irmãos que havia morrido muito jovem de um câncer no rosto; eu me admirei e entendi logo que Deus queria que fizesse oração por ele. Fi-lo com fervor, e naquela mesma noite tive esta visão.

«Vi meu irmão Dinócrates que saía de um lugar escuro onde havia outras muitas pessoas. Parecia-me que tinha muito calor e uma grande sede, o rosto inchado e a cor pálida. Causava-me lástima; mas estava ao que parecia muito longe de mim para socorrê-lo. Perto dele havia uma fonte de água, mas o pilão era tão alto que não podia alcançá-lo um menino; e, embora Dinócrates se esticasse quanto era possível para beber, não podia consegui-lo, e isto me afligia. Despertei então e conheci que meu irmão estava padecendo algumas penas e que tinha necessidade de orações.

Tive grande confiança de que poderia conseguir seu alívio da misericórdia de Deus; pedi-lho com lágrimas dia e noite, até que fomos transportados ao cárcere do campo onde havíamos de ser lançados às feras. Estando já no cepo, tive outra visão: vi meu irmão no mesmo lugar onde antes o havia visto; mas em estado muito diferente, porque estava limpo de corpo, bem vestido, seu semblante era formoso e risonho e refrescava-se a gosto. Despertei e conheci que já havia saído das penas.

«Poucos dias depois, o carcereiro, que se chamava Pudente, admirando nossa constância, teve lástima de nós e deixou entrar os que vinham ver-nos. Como se ia aproximando o dia do espetáculo, veio meu pai buscar-me penetrado de dor; logo que me viu, começou a arrancar as barbas e os cabelos e, arrojando-se no chão, dando golpes com o rosto contra ele, queixava-se de haver vivido tanto tempo e maldizia seus anos. Compadeci-me dele, mas graças ao Senhor não titubeou minha constância.» Até aqui são palavras da santa, de que todas as atas dão fé.

Saturo, santo e zeloso cristão, que havia instruído os mártires na fé e na piedade, teve a ventura de morrer com eles por Jesus Cristo. Estando no cárcere, teve também uma visão, que é uma pintura da glória do paraíso onde haviam de entrar depois do martírio. Secúndulo havia morrido no cárcere, de pura miséria.

Entretanto ia-se aproximando o dia do triunfo de nossos santos; mas temperava um pouco sua alegria a inquietação que lhes causava o prenhe de Santa Felicidade, que se achava de oito meses; e ela estava mais aflita que os demais, porque proibia a lei que em nenhuma mulher grávida se executasse a sentença de morte até cumprido o termo de seu parto. Fizeram todos juntos oração a Deus, e no mesmo dia pariu felizmente uma menina, que tomou a seu cargo uma mulher cristã, oferecendo criá-la como se fosse filha sua. Mas, como no parto padecesse recias dores e não se pudesse conter sem gritar, um dos criados do carcereiro lhe disse: Se agora te queixas tanto, que será quando te vires despedaçar pelas feras? Ao que lhe respondeu a santa: Agora sou eu a que padeço; então haverá outro que padeça em mim, quero dizer, Jesus Cristo por sua graça, que padecerá por mim, visto que eu padecerei por ele.

Chegado o dia do combate, que foi o em que se celebravam os anos de Geta, filho do imperador, saíram os mártires do cárcere para o anfiteatro, como se saíssem para o céu. Levavam pintada a alegria em seus semblantes, com especialidade Santa Perpétua e Santa Felicidade, que marchavam imediatas aos santos Revocato, Saturnino e Saturo. Logo que chegaram à porta, quiseram obrigá-los a que vestissem o traje que se costumava pôr aos que compareciam nos espetáculos; mas eles resistiram constantemente a estas cerimônias gentílicas e saíram ao anfiteatro com suas vestes ordinárias.

Santa Perpétua cantava alegres hinos, como quem já celebrava seu triunfo; Revocato, Saturnino e Saturo repreendiam ao povo sua cega obstinação. Ao passar diante dos caçadores, foram todos açoitados com varas. Deus concedeu a cada um o consolo de morrer com o gênero de morte que havia desejado.

Enredaram as santas Perpétua e Felicidade numa espécie de rede para expô-las a uma furiosa vaca que soltaram contra elas. Recebeu Santa Perpétua o primeiro golpe, a cuja violência caiu de costas; e, reparando que a fera lhe havia rasgado a veste por um lado, juntou-a prontamente para

cobrir-se com honestidade e com decência. Levantaram-na do chão, e ela mesma voltou a atar o esparzido cabelo, para não parecer nem mais aflita nem descomposta. Vendo sua amada companheira Felicidade toda revolvida e maltratada, deu-lhe a mão e ajudou-a a levantar-se. Deixou-se abrandar algo a dureza do povo à vista do que as duas santas acabavam de padecer e, não as expondo mais ao insulto de outras feras, conduziram-nas à porta Sanavivária, para receber o golpe da morte a impulso do aço dos gladiadores. Despertando então Santa Perpétua como de um profundo sono, voltou a si de um dulcíssimo êxtase em que havia estado embevecida todo o tempo do combate. Voltava os olhos para todas as partes como uma pessoa que não sabe onde está e perguntava quando a haviam de expor às pontas da vaca; ficou admirada quando lhe disseram tudo o que havia passado e a fizeram reparar nela mesma os estragos da fera. Então mandou chamar seu irmão e, como se falasse a todos os fiéis, disse-lhe: Perseverai firmes na fé; amai-vos uns aos outros e não vos escandalizeis do que nos vedes padecer.

Neste tempo o povo havia clamado pedindo que fossem trazidos os mártires ao meio do anfiteatro, para lograr a diversão de vê-los receber o golpe da morte. Levantaram-se os santos e foram todos por seu pé, depois de haverem dado o ósculo de paz. Foram degolados os primeiros Saturo, Revocato e Felicidade. A Perpétua tocou um gladiador pouco destro que, tendo desviado a espada, descarregou o golpe sobre o osso e obrigou-a a dar um grito; mas, conduzindo depois ela mesma a trêmula mão do gladiador à sua garganta, acabou com morte tão preciosa seu glorioso martírio e foi receber no céu a coroa devida a sua magnânima e constante fidelidade, no dia sete de março do ano 203.

Embora a santa Igreja junte numa mesma solenidade a festa destes seis ilustres mártires, com tudo isso só faz menção das duas insignes mulheres Perpétua e Felicidade, por haverem-se distinguido tão admiravelmente em seu martírio, sendo sua memória de singular veneração em todo o universo desde o princípio do terceiro século. Santo Agostinho compôs três panegíricos em honra das duas santas e cita as atas que copiamos como as mais autênticas; contando a Perpétua e Felicidade com Santo Estêvão, São Cipriano e São Lourenço entre os mais ilustres mártires e os maiores heróis do cristianismo. Tertuliano, São Fulgêncio e outros muitos padres antigos fazem magníficos elogios de nossas santas, e a Igreja inseriu seus nomes no sagrado cânon da missa.

Suas preciosas relíquias foram trasladadas da África a Roma; e também se veneram algumas na França, no mosteiro de Devre, perto de Bourges, aonde as trouxe de Roma São Raul, ou São Roaldo.

São Eulógio, Presbítero e Mártir

São Eulógio, um dos mais brilhantes astros da Igreja da Espanha, um dos mais célebres doutores ortodoxos e um dos mais ilustres mártires de Jesus Cristo, nasceu na cidade de Córdova no tempo em que os árabes eram donos dela. Seus pais, descendentes da primeira nobreza dos romanos e que faziam profissão da religião cristã, educaram o menino com o maior cuidado nas máximas do Evangelho; e, impressas estas firmemente em seu coração desde seus primeiros anos, regularam depois seus costumes, conformando-os em tudo com a lei santa de Deus. Dedicado o jovem

Eulógio ao serviço do Senhor na igreja de São Zoilo daquela cidade e incorporado no seminário, ou seja, colégio eclesiástico daquele templo, empreendeu com o maior fervor a vida clerical e a carreira das letras. Como se achava dotado de um engenho naturalmente vivo e de grande compreensão, fez nas ciências maravilhosos progressos. Seu desejo de instruir-se e adiantar-se nos conhecimentos sábios era tão grande que, não satisfeito com o ensino dos mestres ordinários a cujo governo estava fiado, buscava outros por quem a fama e opinião de homens excelentes e de superiores luzes estava declarada. Este espírito o levou à escola do abade chamado Espera-em-Deus, que por aquele tempo era admirado e tido como por um oráculo de ciência e santidade: aqui se adiantou Eulógio consideravelmente, e se fizeram bastantemente sensíveis seus belos talentos. Álvaro de Córdova, seu íntimo amigo e seu cronista, que era aluno da mesma escola, falando dos progressos de nosso santo, diz: com esta ocasião o conheci, e era tanta a doçura e suavidade de sua condição que minha maior delícia era tratá-lo. Foi estreitíssimo o vínculo de amor e pia afeição com que uni minha vontade à sua, e ficamos tão semelhantes e conformes nos desejos que com a mesma inseparável uniformidade e sagrada correspondência prosseguimos os estudos sob os preceitos e instrução daquele célebre mestre. Nossos mútuos cuidados eram inquirir as verdades e com maior zelo e ardor as mais recônditas e elevadas das santas escrituras. Tanta era e tão veemente nossa paixão por alcançá-las que, ainda não sabendo manejar os remos dos primeiros princípios da faculdade, já nos engolfávamos no profundo pélago de seus mistérios: disto tratávamos de boca a boca quando nos víamos; disto nos escrevíamos estando ausentes; estes eram os entretenimentos de nossa juventude e nossa recreação, e neles tínhamos posto todo o gosto de nossa vida. As disputas pacíficas eram nossa diversão, as escolas nossos passeios e a sagrada escritura nossos jardins.

Particularizando-se depois disto com Eulógio, acrescenta: consagrou-se desde seus mais tenros anos às letras eclesiásticas e, crescendo cada dia mais e mais, tanto no estudo das ciências como no das virtudes, conseguiu a perfeição destas e alcançou o realce daquelas. Sobressaindo entre seus contemporâneos, luziu com tal sabedoria e brilhou com tal erudição que era aclamado por doutor dos mestres, aos quais sobrepujava, se não em idade, certamente em sabedoria. Sendo um solícito investigador das santas escrituras e do espírito e inteligência de suas sentenças, era todo seu forte meditar de dia e de noite na lei do Senhor. Quem poderá, segue o mesmo historiador, declarar bastantemente a grandeza de seu engenho, a graça de seu estilo, a afluência e nervo de sua eloquência? Que livro houve que não lesse, que escrito engenhoso de excelente católico ou filósofo gentio que não percorresse com deleite? Em descobrir obras requintadas, em lê-las e aproveitar-se do melhor de suas máximas, foi diligentíssimo e incomparável. Sempre procurava imitar os antigos padres, a quem professava um amor e veneração singular; e assim representava a gravidade de um Jerônimo, a modéstia de Agostinho, a mansidão de Ambrósio e a firmeza de um Gregório; mas o mais admirável ainda é que, mesmo sendo um varão versado em todas as faculdades e que a todos precedia e se avantajava em saber, parecia o mais humilde de todos, não querendo saber só para si, mas para comunicar sua doutrina a todos.

Não conspiravam os desejos de Eulógio a só fecundar seu entendimento com conhecimentos especulativos: a torrente de luz que estes despediam servia de fogo para acender sua vontade; e o Senhor, que ilustrava com tão visíveis graças seu espírito, inflamava seu coração enchendo-o de um amor vivo e entranhável pelas coisas celestiais, de cujo ardor santo vivamente movido, corria, se não voava, no caminho da perfeição. Cheio destas sublimes e imortais ideias, jamais deu lugar

nem entrada em seu peito às fantásticas e ilusórias afeições da terra, concretando seu trato unicamente àqueles amigos em quem advertia as mesmas inclinações à virtude e os mesmos sentimentos de piedade.

Como aos conhecimentos que se adquirem com a verdadeira sabedoria são consequentes os desejos de aspirar a um estado mais perfeito, mal chegou Eulógio à idade competente abraçou o sacerdócio, tendo já dado provas de merecê-lo pela exatidão e zelo com que se havia exercitado nas ordens precedentes. Constituído neste ministério, diz seu cronista, consagrou-se com maior desvelo ao estudo das santas escrituras, aos saudáveis exercícios da penitência, jejuns e vigílias, a frequentar devotamente os mosteiros; de sorte que, irmanando ambas as vidas de sacerdote secular e de solitário contemplativo, conversando com os clérigos parecia professar o instituto regular dos monges e, falando com estes, a regra clerical dos sacerdotes. Com uns e com outros se manifestava professor de ambos os estados, de forma que, assistindo no da solidão, não faltava ao do século e, estando neste, não se apartava da religião. Ia muitas vezes às sagradas juntas dos mosteiros; mas, para que não parecesse menosprezar seu estado, voltava com os sacerdotes; e, depois de haver conversado com eles algum tempo, para que não se debilitasse a virtude de seu espírito com os cuidados do século, restituía-se ao claustro, buscando neste retiro o amado de sua alma. Na igreja espalhava sua doutrina, no mosteiro aperfeiçoava sua vida; e, abrasado no amor da perfeição, passava pela peregrinação do mundo com angústia de sua alma, anelando por ver-se livre de tudo o que é humano para voar ao céu, onde gozasse de tudo o que é divino.

Aceso em vivos desejos de visitar pessoalmente os santos lugares da capital do orbe cristão, regados com o sangue de tantos mártires como ali haviam padecido pela fé de Jesus Cristo, aos quais teve sempre particularíssima devoção, resolveu passar a Roma em traje de peregrino, a fim de macerar sua carne com a aspereza do saco e os trabalhos e incomodidades de tão penosa viagem; mas, reconvindo por seus amigos sobre a falta que fazia sua pessoal assistência a seus compatriotas nas deploráveis circunstâncias em que se achavam, como era religiosíssimo para com Deus, compassivo e misericordioso para com os próximos, cujos males sentia como próprios, deferiu aos rogos e cedeu de seus intentos para não defraudar seus irmãos dos auxílios que pudesse prestar-lhes sua nobre caridade.

Se não teve efeito esta santa expedição, pouco tempo depois empreendeu outra, com o fim de visitar seus íntimos amigos Álvaro e Isidoro, desterrados de Córdova aos confins da França. Chegado aos Pireneus, não pôde penetrar naquele reino por estarem interceptados os caminhos com a guerra que à sazão fazia o duque Guilherme ao rei Luís; e, tendo visitado o mosteiro de São Zacarias, que está ao pé dos Pireneus, voltou a Pamplona, cujo bispo Wilisendo, depois de havê-lo hospedado com muitas demonstrações de estima, deu-lhe sujeitos práticos que o acompanhassem por todos os mosteiros da província. Nesta expedição descobriu muitos livros, até então desconhecidos, como foram: os da *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, a *Eneida*, de Virgílio, as *Sátiras*, de Juvenal, as obras retóricas de Porfírio, os versos sobre a virgindade de Santo Adelmo, as *Fábulas métricas* de Rufo Festo Albino e os *Poemas sagrados* de Prudêncio e outros espanhóis. Ao mesmo tempo adquiriu notícia de não poucos varões ilustres, honra de nossa pátria, cuja memória ficaria talvez sepultada num perpétuo esquecimento se não a tivesse ressuscitado nosso santo. Desde Navarra passou a Saragoça, Sigüenza, Alcalá de Henares e chegou até Toledo, deixando em todas as partes recordações imortais de sua heroica piedade. Foi detido nesta última cidade por

seu arcebispo Witrismiro, o qual não cessava de admirar as relevantes qualidades de um jovem tão sobressalente em sabedoria e santidade. Conhecido seu mérito pessoalmente com este motivo naquela capital, tendo morrido depois Witrismiro, congregados os bispos da província, o clero e o povo para eleger sucessor daquele insigne prelado, fizeram-no em Eulógio, que se respeitava e era considerado como o primeiro homem da Igreja da Espanha, tanto por sua doutrina, capacidade e virtude como pela gloriosa confissão que já havia feito da fé de Jesus Cristo. Mas não chegou o caso de consagrar-se na dignidade, porque, como a divina Providência o reservava para a coroa do martírio, dispôs que alguns obstáculos suspendessem a promoção.

Voltou Eulógio a Córdova, concluída sua famosa expedição, com novo e mais esforçado ardimento para trabalhar na vinha do Senhor. Visitou as igrejas e mosteiros, levantou os caídos, ilustrou os ignorantes e consolou os aflitos, observando em tudo seus exemplares costumes e tenor de vida anterior.

Suscitou Abderramão no ano 850 de Jesus Cristo uma cruel perseguição contra os cristãos, mais fomentada, se cabe, no de 852 por seu filho Mahomad; e, tomando Eulógio como destro piloto o timão daquela Igreja, exposta a periclitar entre os furiosos ventos da tempestade, empregou toda a sua atividade e seu zelo em sustentar os que sacrificavam suas vidas por Jesus Cristo e davam com seu sangue um heroico testemunho das verdades infalíveis de nossa santa fé. Ele os alentava para os combates, instruía-os no modo de manejar a palavra de Deus e de vencer os inimigos da religião, expondo sua vida cada dia, acompanhando-os aos cadafalsos para infundir-lhes valor e constância. Celebrou seus triunfos em três livros que compôs com o título de *Memorial dos Santos*, devendo-se a seu cuidado o que hoje sabemos de seus feitos e o que de sua vida e sua morte lemos nas histórias. Defendeu o partido dos mártires contra os que a pretexto de paz reprovavam o heroísmo de sua voluntária apresentação, no livro que intitulou *Apologético*; e fê-lo com tão vivas e eficazes razões, com tanta piedade e doutrina, com tanta e tão cordial devoção que mereceu ser recebido no número deles pelo Senhor. É escusado ponderar o zelo de seu cristão peito, o terno afeto de sua alma para com Deus, sua humilde reverência para com os santos, a simplicidade e verdade com que escreveu suas atas; pois suas palavras dulcíssimas, devotíssimas e dignas certamente de serem lidas acendem no coração aquele amor divino que ardia no seu.

Conhecendo os árabes o nenhum efeito que produziam os horrorosos estragos da perseguição para conter o valor dos cristãos e que antes serviam para alentá-los mais e para que não poucos mouros se convertessem à religião, admirados de sua constância, para atalhar este dano tiveram por mais poderoso meio tirar o exemplo que fazer escarmento nos que o podiam dar. Para este fim, Mahomad, filho e sucessor de Abderramão, rei tirano e bárbaro, se cabe ainda mais cruel que seu pai, introduzindo-se no sagrado, mandou chamar Recafredo, bispo metropolitano, segundo parece, a efeito de que com sua autoridade quebrantasse o orgulho dos que se ofereciam continuamente ao martírio. Recebeu este indigno prelado o encargo e com ele o mesmo espírito de ira de Mahomad, constituindo-se ministro de suas atrocidades. Entrou pelas igrejas, não já como pastor, mas como um lobo carniceiro, a devorar raivosamente o rebanho inocente de Jesus Cristo; descarregou sua impetuosa cólera sobre o clero e pôs em dura prisão o bispo da cidade com os sacerdotes que pôde haver por então, esmerando-se sua sanha principalmente contra Eulógio, de quem sabia que era o chefe e caudilho dos cristãos. Enquanto os demais sacerdotes pensavam no modo de recobrar sua liberdade, nosso santo ocupava-se todo e infatigavelmente na oração,

meditação, lições sagradas e em consolar e esforçar seus companheiros para que se mantivessem fiéis a Deus. No mesmo cárcere compôs aquele admirável tratado com o título de *Documento do martírio*, o qual, por mão de seu amigo Álvaro, dirigiu às santas virgens Flora e Maria, presas pela fé, para fortificá-las e alentá-las a sofrer com valor a morte por amor de Jesus Cristo; manifestando-lhes que, por seus méritos, aos cinco dias depois de seu glorioso triunfo conseguiriam sua liberdade os que se achavam em prisão; cuja profecia se cumpriu à letra no ano seguinte.

Pôs em liberdade Recafredo os sacerdotes sob certa fiança; e, não satisfeito com esta segurança, tomou-lhes juramento sobre a santa cruz e o livro dos evangelhos de que daqui em diante não se ofereceriam voluntariamente à morte nem condenariam em público a seita do falso profeta Maomé; cerimônia infame que fez observar aquele lobo em hábito e com nome de pastor, por comprazer ao rei infiel. Muitos dos que antes se mostravam constantes na fé e inteiramente contrários à opinião deste odioso bispo, que tão em opróbrio de sua dignidade prestava seu ministério aos maometanos, ou quebrantados do tormento de sua áspera e dilatada prisão, ou acovardados com as rigorosas ameaças que continham as novas leis, faziam boa cara ao tirano e dissimulavam no exterior o sagrado aborrecimento que lhe tinham em seu coração. Desamparado o rebanho de Jesus Cristo, sem auxílio nem proteção, viram-se as igrejas cobertas de luto, aflitos os ministros do santuário e murchas as virgens, clamando no segredo de sua alma ao céu. Eulógio, mais que todos sensível a esta desgraça, mas não vendo-se com poder para resistir ao tirano, desfeito em sentidas lágrimas, arrojava-se na presença de Deus, pedindo-lhe o remédio daquela extrema necessidade. Absteve-se de celebrar e de toda outra função eclesiástica para não comunicar no sagrado com o perverso pastor; mas, não lhe sendo lícito escusar seu trato para não lhe dar motivo a que descarregasse seu enojo contra os fiadores, só esperava ocasião de manifestar-lhe quão odiosa lhe era sua companhia. Dispô-lo assim a divina Providência; pois, lendo-se na igreja, no curso ordinário da liturgia, uma carta de Santo Epifânio, bispo de Salamina em Chipre, escrita a João de Jerusalém, na qual entre outras coisas se referia que São Jerônimo e São Vicente se haviam abstido de celebrar por certa causa muito justa, arrebatado Eulógio de um impulso superior, disse a Recafredo: Se as tochas e colunas da Igreja fizeram isto, conheça vossa paternidade as dignas e fundadas razões que tive para abster-me da licença de sacrificar e oferecer todos os dias o venerável mistério da justiça e da paz.

Este zelo ardentíssimo que ostentava nosso santo pela defesa da fé e o valor insuperável com que se opunha aos inimigos da religião o fizeram merecedor da glória do martírio, cuja coroa conseguiu com efeito em prêmio de seus trabalhos. Havia em Córdova uma donzela, filha de pais maometanos, chamada Lucrécia, ou Locrícia, a quem uma parenta sua, dita Liciosa, havia educado secretamente na religião cristã e que, sendo ainda bem jovem, não teve inconveniente em manifestá-lo àqueles que a professavam. Sentiram os pais que houvesse abandonado sua seita e com ela os pareceres de seu profeta Maomé, os que a criam adicta à semelhança deles; e, para obrigá-la a que apostatasse da fé, valeram-se de todos os meios, mesmo os mais cruéis, que pôde sugerir-lhes o inimigo da salvação. Neste apuro recorreu Lucrécia a Santo Eulógio, conhecido por pai e protetor dos cristãos, que a refugiou em sua casa, cuidando cautelosamente de sua segurança e mandando-a depois, com segredo, de uma a outra casa de seus amigos, sem cessar de instruí-la nas verdades infalíveis de nossa santa fé, fortificando-a em sua crença e esforçando-a a padecer por amor de Jesus Cristo. As diligências que os terríveis pais desta inocente virgem fizeram para achá-la foram tais que por fim a encontraram, e ela e Eulógio foram presos e

apresentados ao juiz.

Acusado nosso santo de sedução e roubo da donzela, respondeu a estas acusações que lhe fez o magistrado abominando a criminalidade que em si continham, de que jamais podia ser autor; demonstrou-lhe admiravelmente que, pela dignidade e obrigações de sacerdote de Jesus Cristo, estava na indispensável precisão de favorecer a todos os que se acolhiam sob seu amparo por causa da fé; fez-lhe ver que, segundo os próprios princípios de que não podia separar-se nem um maometano, tivera razão em aconselhar à santa virgem que preferisse sempre Deus e sua salvação ao respeito de seus pais carnais, principalmente quando queriam pervertê-la. No mesmo ato ofereceu também ao juiz ensinar-lhe a infalível verdade da religião cristã e demonstrar-lhe as necedades e delírios da seita de Maomé; mas, irritado o bárbaro, sem ter que responder aos nervosos e concludentes discursos com que falou Eulógio em defesa de sua conduta para com Lucrécia, mandou trazer varas com o fim de açoitá-lo. Mas, desprezando o santo a debilidade daquele castigo, provocava-o com inteireza a que ordenasse afiar o cutelo que de um golpe o acabasse, porque o mais era perder o tempo, e devia estar seguro de que jamais desistiria na defesa das verdades que lhe havia ouvido sustentar, ainda que lhe custasse perder uma e mil vezes a vida.

Vendo o juiz a constância e fortaleza de Eulógio e que nada aproveitavam suas cruéis ameaças para intimidá-lo ou rendê-lo, fê-lo conduzir ao palácio e apresentá-lo ao conselho do rei, para que este supremo tribunal julgasse a causa de um homem de seu caráter. Puseram-no na presença daquele formidável senado; e um dos conselheiros, afeto a nosso santo, tão cheio de compaixão como de ignorância, falando-lhe à parte, quis persuadir-lhe que cedesse no ardimento com que se havia empenhado pela religião; que renunciasse só de boca a Jesus Cristo diante do tribunal, ainda que em seu coração retivesse constantemente a fé; isto precisamente por um instante; pois, fazendo-o assim, conseguiria a liberdade e permaneceria no franco exercício da religião. Ouviu Eulógio com horror tão abominável proposta e, desprezando o perverso conselho, como também detestando o que lho dava, com uma santa intrepidez pôs-se à frente daquele maligno senado e falou em favor da fé com maior valor, se cabe, e com mais impetuosidade que o havia feito na presença do primeiro ministro. Ouvida sua confissão pelos juízes, condenaram-no a ser degolado. Quando o conduziam ao suplício, um dos criados do rei descarregou-lhe uma terrível bofetada; mas o santo, longe de queixar-se da injúria, apresentou-lhe sua outra face, que teve o infeliz a ousadia de ferir igualmente. Enfim, posto de joelhos no lugar do martírio, armado com o sinal da cruz e fixando seus olhos com o coração nos céus, prestou com um semblante doce e risonho seu inocente pescoço ao cutelo do bárbaro executor, que lhe cortou a cabeça, e passou sua ditosa alma a desfrutar os prêmios eternos no dia 11 de março de 859.

Mal foi acabada esta cruel execução, quis Deus manifestar a glória do santo mártir com prodígios visíveis, de que foram testemunhas os próprios infiéis. Tendo arrojado o bendito corpo ao rio e ficando-se à margem, uma pomba de extraordinária brancura pôs-se sobre ele e ali estava imóvel, até que, importunada pelos inimigos, voou a uma torre contígua, desde onde se observava estar olhando o venerável cadáver, ao redor do qual um sentinela viu na mesma noite, descendo a beber água ao rio, que muitos sacerdotes vestidos de branco e com tochas acesas nas mãos cantavam os divinos louvores. No dia seguinte ao de seu martírio resgataram os cristãos a cabeça e dois dias depois puderam haver o corpo, o qual sepultaram na igreja de São Zoilo, onde havia sido sacerdote

designado até a morte, e no primeiro de julho do ano seguinte foi trasladado do primeiro lugar a outro mais decente. No mesmo templo permaneceu até o ano de 883, em que foi transferido com o de Santa Lucrécia à cidade de Oviedo, onde por intercessão de seu servo se dignou o Senhor operar muitos prodígios; e por motivo do que executou com dom Rodrigo Gutiérrez, arcediago daquela santa igreja, foi trasladado segunda vez no ano 1300 à câmara santa do mesmo templo, sendo bispo de Oviedo dom Fernando Álvarez.

Martirológio Romano

Em Cartago, os santos mártires Heráclio e Zósimo.

Em Alexandria, a paixão dos santos Cândido, Piperião e outros vinte.

Em Laodiceia, na Síria, os santos mártires Trófimo e Talo, os quais, na perseguição de Diocleciano, depois de muitos e cruéis tormentos, alcançaram a coroa da glória.

Em Antioquia, a comemoração de muitos santos mártires, dos quais alguns, por ordem do imperador Maximiano, foram postos sobre grelhas acesas e assados, não para matá-los logo, mas para mais longamente atormentá-los; outros, por meio de crudelíssimos tormentos, chegaram à palma do martírio.

Ali mesmo, os santos Gorgônio e Firmo.

Em Córdova, São Eulógio, presbítero, o qual, na perseguição dos sarracenos, mereceu ser companheiro dos mártires daquela cidade, cujos combates, padecidos por defender a fé católica, havia escrito com santa emulação.

Em Sardes, São Eutímio, bispo, o qual, por venerar as santas imagens, primeiramente foi desterrado por ordem do imperador Miguel, destruidor das imagens, e depois consumou o martírio sendo imperador Teófilo.

Em Jerusalém, São Sofrônio, bispo.

Em Milão, São Bento, bispo.

Nos confins de Amiens, São Fermín, abade.

Em Cartago, São Constantino, confessor.

Em Babusco, na Campânia de Roma, São Pedro, confessor, esclarecido em milagres.

Missa (oração)

A missa é do comum de muitas santas mártires não virgens, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, Deus noster, sanctarum martyrum tuarum Perpetuæ et Felicitatis palmas incessabili devotione venerari, ut quas digna mente non possumus celebrare, humilibus saltem frequentemus obsequiis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, Senhor Deus nosso, a graça de reverenciar com devoção constante as vitórias de vossas santas mártires Perpétua e Felicidade, para que, já que não podemos solenizar dignamente seu triunfo, ao menos lhes rendamos humildemente nossos frequentes respeitos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

Eclesiástico 51,1-8.12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha

alma louvará o Senhor até à morte, [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Nota

«Embora o livro canônico do velho testamento intitulado o Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, não tenha sido composto por Salomão, mas por Jesus, filho de Sirac, com tudo isso se chama também Livro da Sabedoria, assim porque se compôs à imitação dos provérbios de Salomão, e foi inspirado pelo mesmo Espírito Santo, como também porque está cheio de sábias instruções e salutares máximas. Os antigos lhe deram outro nome em grego, que significa toda virtude, para dar a entender que é uma universal filosofia moral.»

Reflexões

É o reconhecimento uma espécie de tributo que se deve aos favores que nos fazem. Quem terá mais direito que Deus para exigir de nós este tributo? De quem temos recebido mais favores? Quem nos fez melhores ofícios? E em meio disso, quanto e qual é nosso reconhecimento? Tragamos à memória aquela mão benéfica que nos tirou de tantos perigos, que nos conduziu por veredas tão seguras e tão trilhadas, que nos sustentou em tantos e tão perigosos passos; aquela mão liberal que não cessa há tanto tempo de derramar sobre nós copiosa abundância de favores. Que bem não temos recebido de sua beneficência? Subamos com a consideração até aqueles incompreensíveis benefícios da criação, da redenção, da vocação, a tantas graças particulares de que o Senhor nos cumulou. Quem não terá justo título para dizer que o Senhor se declarou seu defensor e protetor? *Quoniam adjutor, et protector factus es mihi.* Quantos laços ocultos numa região onde reina tão pouca boa-fé! *A laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium.* Quantos escolhos no mar borrascoso deste mundo! Devemos acaso a nossa indústria o haver-nos livrado até aqui de tantos perigos? Poderá jamais ser obra de nossas mãos nossa salvação? Quem não sabe que as paixões com que nascemos são outros tantos leões prontos para despedaçar-nos? *A rugientibus præparatis ad escam.* Quem não sabe que tudo é tentação, tudo perigo sobre a terra? E quem nos tirou até aqui de tantos males? Quem nos defende? Quem nos protege? Quem dá a cara por nós? Ignoramos que de todos estes benefícios somos unicamente devedores à pura bondade de nosso Deus? Nem são menores os que ainda esperamos de sua amorosíssima mão. E em meio disso cada dia somos mais ingratos a nosso insigne benfeitor, a nosso Deus, a nosso Salvador, a nosso Pai! Quando compreenderemos a enormidade e as funestas consequências desta ingratidão? E que castigo lhe corresponderá!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus, o mesmo do dia 9.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Do preço da salvação

Primeiro ponto

Considera quanto vale o preciosíssimo sangue de Jesus Cristo; tal é justamente o preço de tua salvação, isso o que vale tua alma. Mas é esta a ideia que temos de nossa salvação eterna?

Ela é um tesouro, pois encerra em si não só todos os bens, mas a fonte de todos na posse do mesmo Deus. Mas bem se pode chamar tesouro escondido, pois são tão poucos os que conhecem seu preço; escondido, pois nada se quer dar, e até nada se quer fazer para lográ-lo; escondido, pois se perde sem dor; e com tudo isso todos convêm em que o perdê-lo é a maior de todas as desgraças. Que digna de compaixão é nossa conduta! Se se logrou a salvação, conseguiu-se a suma felicidade, não há mais que apetecer, nada há que temer no mundo. Se se condenou a alma, por mais que houvesses saído com tudo quanto empreendeste durante a vida, ainda que houvesses sido o homem mais feliz, o unicamente feliz entre todos os mortais, tudo se perdeu para ti, nada te ficou de tudo aquilo; a suma desdita, o cúmulo de todos os males, e de todos os males eternos, serão daqui em diante tua herança. Que te parece agora? Será de algum apreço a salvação? Merecerá a salvação nossas atenções? Será razão sacrificar alguma coisa pela salvação?

Meu Deus, em que consiste nossa prudência? Que se fez de nosso entendimento? Aonde se foi nosso bom juízo? E a que se reduz nossa fé? Consomem-se imensos cabedais, gasta-se mais do que se tem, reduz-se um ambicioso à última miséria por conseguir um emprego, por comprar uma fazenda, por adquirir não poucas vezes um novo fundo de inquietações, de sobressaltos, de pesadumbres; e pelo céu, por lograr aquele fundo inalienável de felicidade, aquele inesgotável manancial dos bens eternos, muitas vezes se recusa dar até o supérfluo; não se quer dar aos pobres o que se perde no jogo; uma abstinência, um jejum de quaresma nos parecem preceitos muito gravosos. A quantos lhes parece que está demasiado subido o preço da salvação? E com tudo isso, bom Deus, que proporção há entre a bem-aventurança, a felicidade eterna e tudo quanto podemos fazer e padecer nesta vida?

Ó Deus meu, e quão caros nos custam nossos erros e quão lastimosamente desmente nossa conduta a nossa fé! Saber que coisa é a salvação eterna, crer quanto vale nossa salvação e dizer que custa demasiado o salvar-se: que mais ímpia, que mais indigna extravagância!

Segundo ponto

Considera o que fizeram e o que padeceram os santos para salvar-se. Uns, desesperando de poder consegui-lo no mundo, buscaram asilo a sua inocência nos mais espantosos desertos; outros, precisados por seu estado a viver no século, invejaram a sorte dos anacoretas, viveram em contínua vigilância, consideraram-se como homens agitados da tempestade, sempre em perigo de perder-se. Estes sim que foram homens prudentes; estes sim que formaram conceito justo e cabal do preço e da importância da salvação eterna. Somos nós ou mais despertos ou mais virtuosos que aquelas grandes almas? Uma Santa Perpétua, uma Santa Felicidade, tantos milhões de mártires persuadiram-se de que o céu se lhes dava por nada, ainda que lhes custou todo o seu sangue; e nós recusamos uma ligeira mortificação e mal queremos dar por ele uma lágrima. Desde quando está o preço do céu tão baixo para nós?

É certo que Deus não nos intimou preceito algum de que deixássemos efetivamente todas as coisas pelo céu; mas intimou-nos muito positivo que a todas elas preferíssemos nossa salvação; e nem mesmo o próprio Deus poderia dispensar-nos deste preceito. Que lhe aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se perde sua alma? E que troca, que equivalente poderá encontrar que seja

proporcionado a esta grande perda?

Estas grandes verdades fabricaram aqueles excelentes modelos de santidade, aqueles insignes exemplos de mortificação, de desapego do mundo, de penitência. Mas que impressão fazem hoje em meu coração e em meu espírito? Elas estão fazendo cada dia assombrosas conversões; por que razão não serei eu do número dos que se convertem? Penso porventura que já fiz bastante para salvar-me? E, se me vejo precisado a confessar que até agora mal fiz algo, por que não começarei a trabalhar desde logo? Espero acaso que algum dia poderei comprar a salvação mais barata ou que valham mais com o tempo meus merecimentos?

Mas Deus é infinitamente bom; Jesus Cristo mereceu-nos a todos o céu; sua morte por todos os homens dá a todos legítimo direito para pretender a glória. Belos e salutares princípios, se tirássemos deles mais justas e mais imediatas consequências! Deus é bom; pois por que somos nós tão perversos? Deus é bom; pois por que razão o ofendemos? A Jesus Cristo custou-lhe a vida nossa salvação; pois por que não trabalharemos nós para salvar-nos? Linda resposta por certo para dar ao Filho de Deus: Senhor, demasiado padecestes vós por mim; pois para que havia eu de padecer mais? Vós morrestes por mim; pois deixai-me que viva, que triunfe e que me regale por vós. Terá vergonha para apelar a sua paixão o que foi inimigo declarado da cruz? Apliquemo-nos seus méritos como os aplicava o Apóstolo e digamos com ele, mas digamo-lo com verdade: Eu cumpro em minha carne o que faltou à paixão de meu Senhor Jesus Cristo.

Sim, dulcíssimo Salvador meu, desde este momento começarei a executá-lo, porque já não darei lugar a que se diga que o dilato nem por um instante só. O muito que fizestes vós para que eu me salvasse faz-me formar uma ideia cabal e justa do que vale minha salvação e ensina-me perfeitamente o que eu devo fazer. Concedei-me, Senhor, vossa graça para que não sejam estéreis e inúteis todas estas resoluções. Desde este mesmo ponto começa tudo a ceder ao cuidado de minha salvação.

Jaculatórias

> *Dic animæ meæ: Salus tua ego sum.* Sl 34.

Dai, Senhor, a entender a minha alma, e persuadi-lho bem, que vós sois minha salvação.

> *Momentaneum et leve tribulationis nostræ, æternum gloriæ pondus operatur in nobis.* 2 Cor 4.

Que gozo, meu Deus, quando considero que todas as aflições desta vida, sendo tão ligeiras e tão momentâneas, me produzem um peso eterno de glória!

Propósitos

1. Posto que não há nem verdadeira glória nem bem real e verdadeiro fora da salvação, e que esta consiste na posse do mesmo Deus, poderá parecer demasiado ou excessivo o preço da salvação? Que conceito não devemos formar, que apreço não devemos fazer do muito que vale! Será muito vender todas as coisas por comprar este tesouro? Será muito sacrificá-las todas por conseguir esta pérola? Que bem podemos desejar se possuímos a Deus? Que pode faltar a nossa felicidade se temos a ventura de salvar-nos? Pode haver objeto mais digno de nossa ambição? Pode imaginar-se maior glória? Não se sabe se é falta de fé ou de entendimento o não compreender esta verdade; mas bem se pode dizer que é falta de um e de outro. Deixa desde este ponto de ser tão pouco cristão e tão pouco entendido. Forma conceito cabal e justo do que vale a salvação e começa desde logo a obrar em tudo conforme este conceito. Nada empreendas sem consultar este plano. Pesa todas as coisas com o peso da salvação, mede-as todas com esta regra. Dependências, empresas, negócios, tratos, viagens, estado, condição, fortuna, cargos, empregos, tudo se refira a Deus, tudo se faça com a mira à salvação; nada executes, segundo o conselho do Apóstolo, que não te sirva para a outra vida. Dize a tua concupiscência, ou por melhor dizer, ao tentador: Este deleite ilícito, este emprego mal adquirido, esta fazenda mal ganha, tudo isto vale tanto como minha salvação? Sua posse, que a mais me durará até a morte, poderá compensar-me da perda de minha alma? Oh, que poucas culpas se cometeriam e quantos arrependimentos se escusariam se se discorresse sempre desta maneira! Já se te deu outra semelhante regra; seguiste-a porventura? E aproveitar-te-ás melhor da que agora se te repete?

2. Olha que apreço fizeram os santos de sua salvação e de tudo o que podia contribuir a esta verdadeira felicidade. Que sacrifícios, que combates, que vitórias! Eles foram verdadeiramente sábios: e te parece que fizeram demasiado? Olha o que fez e padeceu São Francisco Xavier, assim por sua própria perfeição como pela salvação das almas; pede-lhe que te alcance de Deus semelhante ardor pela salvação da tua.

Oração para o oitavo dia da novena.

«Grande apóstolo de tantos povos e nações, que tivestes tão alta ideia da salvação de minha alma, alcançai-me de meu Salvador Jesus Cristo a graça de cooperar fielmente a tantas quantas tenho recebido de sua liberalíssima mão e a de que nunca perca o preço de minha redenção. E, pois o favor que vos peço nesta novena é com respeito a minha salvação, conseguide-mo também, se for para maior glória de Deus.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:53 by Admin